MACHISMOS VIRTUAIS: DISCURSOS MASCULINISTAS EM CANAIS *RED PILL* BRASILEIROS DE *YOUTUBE*

*Verónica Ferreira**

Resumo

Este artigo propõe-se a explorar as origens e os contextos que marcaram o surgimento do masculinismo e, em particular, da teoria *Red Pill*. Criada no mundo anglo-saxónico entre as décadas de 1970/80 e 1990, encontrou um terreno fértil para a sua importação e adaptação por influenciadores digitais brasileiros nas transformações tecnológicas e comunicacionais dos últimos vinte anos e no contexto cultural, social e político brasileiro pós-2013. Através da análise de um canal de *YouTube*, o *Redcast*, o artigo examina as narrativas de género e as dinâmicas socioeconómicas que caracterizam a produção de conteúdo masculinista, refletindo uma subjetivação social e política neoliberal tanto dos influenciadores quanto do seu público, e um constante diálogo com a direita radical.

Palavras-chave: *Red pill*, género, neoliberalismo, Brasil, antifeminismo.

Abstract

Virtual Machismos: Origin and Characterization of Masculinist Discourses on Brazilian Red Pill YouTube Channels

This article sets out to explore the origins and contexts that marked the emergence of masculinism and, in particular, Red Pill theory. Created in the Anglo-Saxon world between the 1970s/80s and 1990s, it found fertile ground for its importation and adaptation by Brazilian influencers in the technological and communication transformations of the last twenty years and in the Brazilian cultural, social and political context after 2013. By analysing a YouTube channel, the *Redcast*, the article examines the gender narratives and socio-economic dynamics that characterise the production of masculinist content, reflecting a neoliberal social and political subjectivisation of both the influencers and their audiences, and a constant dialogue with the radical right.

Keywords: Red pill, gender, neoliberalism, Brazil, antifeminism.

* Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), São Paulo – SP, 05508-020, Brasil.

Endereço postal: Rua Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 310, Cidade Universitária, Butantã, São Paulo – SP, 05508-020, Brasil.

Endereço eletrónico: vipferreir@usp.br

Resumen

Machismos virtuales: origen y caracterización de los discursos masculinistas en los canales de *YouTube* brasileños *Red Pill*

Este artículo se propone explorar los orígenes y contextos que marcaron el surgimiento del masculinismo y, en particular, de la teoría de la Píldora Roja. Creada en el mundo anglosajón entre las décadas de 1970/80 y 1990, encontró terreno fértil para su importación y adaptación por *influencers* brasileños en las transformaciones tecnológicas y de comunicación de los últimos veinte años y en el contexto cultural, social y político brasileño después de 2013. Mediante el análisis de un canal de *YouTube*, el *Redcast*, el artículo examina las narrativas de género y las dinámicas socioeconómicas que caracterizan la producción de contenidos masculinistas, reflejando una subjetivización social y política neoliberal tanto de los *influencers* como de sus audiencias, y un diálogo constante con la derecha radical.

Palabras clave: Píldora Roja, género, neoliberalismo, Brasil, antifeminismo.

1. Introdução

No dia 13 de fevereiro de 2023, a atriz brasileira Lívia La Gatto publica um *reel* no seu Instagram satirizando o *coach* e influenciador digital Thiago Schutz, conhecido pela sua defesa da teoria *Red Pill* e pelos seus discursos machistas. O vídeo foi reproduzido mais de 1,5 milhões de vezes, continuando na página da atriz embora sem áudio. O *coach* pediu, prontamente, à atriz que retirasse o vídeo dentro de 24 horas, caso contrário seria "processo ou bala."[1] A denúncia deste episódio de ameaça foi feita no final de fevereiro de 2023 por parte de Lívia La Gatto e da cantora e sambista Bruna Volpi, ameaçada pelo influenciador no mesmo dia, e culminaria no arquivamento do processo (09/11/2023), não obstante a sua cobertura mediática. As diversas publicações em jornais digitais tiveram o mérito de chamar a atenção e dar visibilidade ao problema dos influenciadores e *coachs* digitais da *Red Pill* no Brasil (Castellano & Miguel 2023, 119).

A *Red Pill* é uma teoria sociocultural cujas linhas discursivas são, como veremos, importadas dos EUA e (re)produzidas por influenciadores brasileiros com uma certa subjetividade neoliberal – por vezes economicamente libertários – e que entram em diálogo constante com os conservadores e membros da direita radical a partir das suas pautas de género.

O artigo que aqui se apresenta é composto por uma breve contextualização do surgimento da teoria *Red Pill* no contexto anglo-saxónico, descrevendo algumas das características dos seus discursos, seguida de uma reflexão sobre os fatores contextuais específicos que contribuíram para a (re)produção deste discurso

[1] Lívia não foi a única a receber ameaças – também a cantora Bruna Volpi foi ameaçada no mesmo dia que La Gatto. Ver https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/22/thiago-schutz-se-torna-reu-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contra-livia-la-gatto-e-bruna-volpi.ghtml (último acesso a 7/1/2025).

no Brasil. Por fim, a terceira parte analisa os discursos (re)construídos pelos *hosts* e seus convidados do canal de *YouTube Redcast,* especialmente aqueles que incidem sobre as alegadas falsas acusações de violência doméstica que, por sua vez, redundam na crítica à Lei Maria da Penha[2] – lei que estabelece o ordenamento jurídico penal da violência doméstica e familiar contra a mulher no Brasil –, utilizando como guia metodológico a análise feminista pós-estruturalista do discurso, conforme proposta por Judith Baxter (2008).

2. Do movimento pela libertação dos homens à machosfera

2.1. Movimento pela libertação dos homens

Os discursos masculinistas não nascem com a Internet. As suas raízes são mais profundas e podemos encontrá-las, de forma genérica, nas conceções socais acerca do que é ser homem no mundo ocidental contemporâneo. No entanto, por mais irónico que possa parecer, o que mais tarde se chamaria "movimentos pelos direitos dos homens" ou "ativistas pelos direitos dos homens" (*Men's Rights Activists*) nasce a partir das bases de contestação do movimento feminista que se havia formado nessas duas décadas contra uma sociedade patriarcal marcada por rígidos papéis de género. Estes homens inspiravam-se nos esforços emancipatórios das mulheres e propunham uma luta pela sua libertação em relação ao patriarcado e às suas normas (Coston & Kimmel 2012, 369). O *men's liberation movement* (movimento de libertação dos homens) reivindicava uma política de reconhecimento do sofrimento dos homens e acoplava-se à crítica feminista dos anos 60 e 70. Para eles, as noções tradicionais de masculinidade e de feminilidade eram igualmente tóxicas, pois, entre outras coisas, impossibilitava-os de expressar sentimentos e emoções, associados ao género feminino, e transformava-os em corpos dispensáveis ao serviço do Estado.

Nancy Fraser retrata metaforicamente esta segunda onda de feminismo (anos 1960 e 1970) como um drama em três atos. O primeiro ato, de acordo com a académica, é marcado por um posicionamento mais radical associado a uma nova esquerda que pugnava por justiça social. Após este período de radicalização, "as energias utópicas começa[ra]m a declinar [e] a segunda onda do feminismo foi atraída para a órbita da política de identidade. [...] Passando 'da redistribuição para o reconhecimento', o movimento deslocou sua atenção para a política cultu-

[2] Maria da Penha é uma farmacêutica brasileira cuja história de sobrevivência inspirou a Lei Maria da Penha (Lei n.º 11.340/2006). Antes deste ordenamento jurídico a violência doméstica contra a mulher era considerada como um crime de menor potencial ofensivo. Não ultrapassava um ano de pena e, na maioria dos casos, resultava no pagamento de cestas básicas ou em trabalho comunitário para o agressor (Lei n.º 9.099/1995).

ral, bem no momento em que um neoliberalismo em ascensão declarava guerra à igualdade social" (2024, 11).

É na segunda metade dos anos 1970, neste segundo ato, que o movimento feminista começa a questionar não apenas o sistema patriarcal, mas também os comportamentos dos homens e as instituições por eles criadas e/ou moldadas, e.g., estupros, violência doméstica, prostituição e pornografia, a partir das obras de referência de autoras como Susan Brownmiller (1993 [1975]), Catharine A. MacKinnon (1979; 1994 [1993]), Andrea Dworkin (2025 [1974]), entre outras. Estas alterações conjunturais contribuíram para a separação do movimento de libertação masculina em relação ao movimento de libertação das mulheres (Coston & Kimmel 2012, 370; Vilaça & D'Andréa 2021, 414-415), e, posteriormente, à partição do movimento pela libertação dos homens em três cursos de ação, dois deles igualmente preocupados em atingir uma "masculinidade curada," embora seguindo caminhos distintos. Os mitopoéticos – separatistas de género – procuravam, através de retiros e do isolamento masculino, chegar a uma versão mais profunda da masculinidade.[3] Os pró-feministas continuaram a inspirar-se no movimento das mulheres e a defender uma sociedade mais justa para ambos. Por último, os antifeministas acusavam as mulheres de serem protegidas pela sociedade – as verdadeiras privilegiadas –, retratando-as a partir de estereótipos misóginos como oportunistas, consumistas e interesseiras, e culpando o movimento feminista pelos males que os assolavam (Coston & Kimmel 2012, 371-72).

Ora, continuando na linha proposta por Nancy Fraser, os anos 1980 foram marcados pela relativa vitória política da democracia liberal face a alternativas mais progressistas de esquerda. O nascimento do neoliberalismo, a ascensão do conservadorismo da época de Ronald Reagan e o desenvolvimento das políticas de reconhecimento identitário (Fraser 2024) pós-Clinton marcaram também o surgimento da reação masculin(ist)a. Neste sentido, os *Men's Rights Activists* ou MRAs, surgidos em meados dos anos 1970 e com crescimento substancial nos anos 1980/90, são resultado das dinâmicas sociopolíticas da época.

Há neles um ressentimento nascido do triunfo relativo dos direitos civis e políticos dos grupos historicamente marginalizados, ressentimento esse que se constitui como o componente central das dinâmicas de vitimização na cultura americana contemporânea (Horwitz 2018). A política da vitimização é criada a partir de uma identidade que se autovitimiza em relação a um inimigo particular. Para eles – geralmente homens brancos e de classe média ou alta –, as políticas de reconhecimento geram regalias que beneficiam grupos "minoritários" – negros, população LGBTQIA+ e mulheres no geral – e, consequentemente, retiraram-lhes o estatuto de grupo privilegiado. A perceção de perda de privilégios, agregada a uma cultura de vitimização, torna-se visível em determinadas estratégias discur-

[3] Podem ser associados à atual comunidade misógina MGTOW – *Men Going Their Own Way* –, homens que escolheram não se relacionar com mulheres.

sivas, e.g., "what about men?" O livro de Warren Farrell *The Myth of Male Power* (1993) é um exemplo desta primeira leva de ativistas masculinistas.[4]

Mais recentemente, o *Straight Pride*, embora exemplo anedótico de pouca expressão, permite-nos pensar a interligação existente entre a defesa da heteronormatividade, da homofobia e da submissão das mulheres a partir das reflexões de Monique Wittig em *Straight Mind* (2022 [1992]). De acordo com Wittig, a heterossexualidade é um regime político que estabelece a diferença sexual a partir de uma relação de dominação do homem em relação à mulher, assim como se constitui em relação à sua "perversão" – a homossexualidade. Destarte, o questionamento de um dos quatro elementos – heterossexualidade, homofobia, diferença sexual e submissão das mulheres – implica o enfraquecimento dos restantes. A dominação masculina requer um regime de heterossexualidade compulsória que abomina outras formas de amar.

2.2. Machosfera

Traçados os antecedentes das comunidades masculinistas digitais nas últimas duas décadas e meia, vale ressalvar que a sua continuidade é também pautada por mudanças técnicas, como o surgimento da Internet, o consequente aceleramento da comunicação global e a anonimidade permitida por algumas das plataformas digitais mais utilizadas.

Foi nas ditas "guerras culturais" virtuais, da última metade do primeiro decénio e da primeira metade do segundo decénio do século XXI, que os discursos misóginos ganharam visibilidade. Segundo Angela Nagle (2017), fóruns como o *4chan* foram prolíficos na construção de memes e outros mecanismos de *cyberbullying* contra mulheres, e.g., *trolls* (trolagens).[5] Refira-se a este propósito o *troll* e as ameaças diretas a Zöe Quinn[6] e a Anita Sarkeesian[7] durante o *Gamergate* (Nagle 2017; Fisher 2023).

---

4 Nele, o autor fala sobre a ilusão que é pensar que os homens têm poder, já que existe uma cultura de dispensabilidade dos corpos masculinos e de proteção dos corpos femininos.

5 Forma de antidebate, cujo objetivo é desconversar de forma a irritar o oponente. É um processo discursivo que nasce nos *chans*, mas que se expande para as redes sociais *mainstream* a ponto de se tornar uma das estratégias mais usadas de (des)argumentação nessas plataformas.

6 O *Gamergate* começou em agosto de 2014 com a violação de dados da criadora de videojogos Zoë Quinn pelo seu ex-namorado Eron Gnoji. O programador acusava a sua ex de ter tido um caso com um jornalista de videojogos para que ele avaliasse o seu recente jogo de forma positiva. Com isto, os *gamers* começaram uma campanha de difamação contra Quinn, numa cruzada misógina contra a suposta corrupção do mundo dos videojogos.

7 No turbilhão do *Gamergate*, a blogueira Anita Sarkeesian tornou-se um alvo por ter publicado um vídeo sobre a misoginia no mundo dos videojogos. Sarkeesian foi vítima de ataques cibernéticos que incluíram ameaças de morte e violação e a levaram a cancelar uma palestra na Universidade do Utah nesse mesmo ano. O *Gamergate* permitiu vislumbrar a misoginia no mundo dos *gamers*, em específico, e na machosfera, no geral.

Para além do *cyberbullying*, a história destes grupos é marcada por práticas de apropriação de referências simbólicas de outros contextos culturais ao criar as suas próprias referências identitárias. Mais especificamente, a *red pill* (pílula vermelha) foi apropriada do filme *Matrix* por grupos masculinistas, em particular, e pela *alt-right*, em geral, como um alerta contra o "feminismo" e o "esquerdismo." No filme, a personagem Morpheus dá a escolher a Neo duas cápsulas: 1) a azul, que permite a Neo seguir a sua vida a partir de uma ilusão de normalidade e 2) a vermelha, que lhe permite ver o mundo como realmente é. Embora para as realizadoras, as irmãs Wachowski – duas mulheres trans –, a *red pill* seja uma metáfora para a transição de género (Vilaça & D'Andréa 2021, 412-413), para as comunidades masculinistas simboliza o processo através do qual se passa a ver a realidade sem o filtro "prejudicial" do feminismo.

A chamada "ideologia de género"– termo criado e desenvolvido por católicos e evangélicos e usado por setores política e socialmente conservadores para gerar pânico moral na população – é a denominação pejorativa dada *lato sensu* tanto aos estudos académicos sobre género como às pautas e políticas sociais de inclusão, reconhecimento e proteção das mulheres e da comunidade LGBTQIA+, vistos como ameaça à família tradicional/divisão sexual. Assim, ao tomarem a *red pill,* os homens deixam de ver o mundo sob as lentes desta "ideologia", do feminismo e do esquerdismo e, por conseguinte, descobrem que as mulheres são hipergâmicas – ou seja, sentem-se atraídas por homens de estatuto socioeconómico e aparência superiores e, por isso, de valor social e sexual superior ao seu. Isto também lhes permitirá compreender que as relações amorosas e/ou sexuais se regem por princípios do mercado, ou seja, que as pessoas são classificadas de acordo com o seu valor sexual de mercado, avaliado, por sua vez, a partir da sua genética. Desta forma, os homens que as mulheres procuram são sobretudo aqueles 20% com melhor aparência – os *Chads* –, deixando 80% dos homens – os *normies* (ou homens dentro da norma), os betas (ou homens vistos como passivos, fracos e submissos, o oposto dos ideais de masculinidade hegemónica defendidos pela *Red Pill*) e os *incels* – com acesso limitado ou sem acesso aos seus corpos. O sucesso amoroso do homem depende de se ser *Chad* ou, para não deterministas, da mestria no *game* – jogo da sedução –, seguindo os ensinamentos de *Pick-Up Artists* (PUAs) para se ser um macho-alfa.

Para Roosh V – o famoso influenciador que escreveu o livro *Game* –, as mulheres, além de hipergâmicas, são dúplices, fodíveis, mas não passíveis de amor. Os homens têm, portanto, de se concentrar sobretudo em si próprios – físico, carreira e conta bancária – se querem ter sucesso com as mulheres sem que sejam manipulados, já que a estratégia delas é ter relações sexuais e/ou amorosas com machos alfa, mas casar com betas que lhes supram as necessidades económicas e securitárias.

É importante sublinhar que existem várias crenças no mundo da machosfera, dependendo do posicionamento identitário dos homens da *Red Pill.* Os *incels*, por

exemplo, são os mais fatalistas e, por isso mesmo, os que demonstram maior ressentimento em relação às mulheres. De acordo com Debbie Ging (2017), os grupos masculinistas são heterogéneos e podem ser divididos em várias identidades que partilham as mesmas referências, mas divergem em determinados pontos da narrativa descrita, e.g., os MRAs, os MGTOW, os PUAs, os conservadores cristãos, os *incels* e elementos da cultura *geek* e *gamer*.

3. A formação do discurso masculinista brasileiro

Em 2018, realizou-se o 1.º Congresso Antifeminista do Brasil[8] (Gomes & Alano 2020, 64), organizado por Sara Giromini no Rio de Janeiro, O evento inseriu-se na campanha que levou à eleição de Jair Bolsonaro como Presidente da República. O discurso antifeminista e contra a chamada "ideologia de género" vinha sendo construído internacional e nacionalmente por grupos evangélicos e conservadores (Gallego 2018) durante a primeira e segunda décadas deste século, a partir de uma confluência de fatores que deram visibilidade e consequente poder a uma direita que juntava libertarianismo, fundamentalismo religioso, antiesquerdismo e antifeminismo, mas atinge o seu auge no programa eleitoral do candidato Bolsonaro.

Este processo foi influenciado por fatores transnacionais e internacionais como o reforço de uma subjetividade pós-neoliberal que funde elementos do libertarianismo e do conservadorismo social sulista norte-americano (Cooper 2021), bem como a visibilidade da contestação conservadora no mundo digital – sobretudo redes sociais – a partir, sobretudo, de 2015 (Vilaça & D'Andréa 2021, 417). No Brasil, embora os grupos conservadores tenham feito parte da construção da democracia que se seguiu à Constituição Federal de 1988, o recrudescimento da força do seu discurso deu-se, principalmente, a partir das manifestações populares de 2013 (Biroli 2020, 135-137) e enraizou-se com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016.[9]

Para além de impulsionado pelo crescimento de um discurso conservador de direita, os grupos masculinistas digitais foram estimulados pelo setor em crescimento da autoajuda, à semelhança do que aconteceu nos EUA. A produção edito-

---

[8] Houve um outro 1.º Congresso Antifeminista organizado pela deputada estadual de Santa Catarina, e assumida antifeminista, Ana Campagnolo, no Estado de Santa Catarina a 8 de março de 2024, numa clara disputa por visibilidade no Dia Internacional da Mulher.

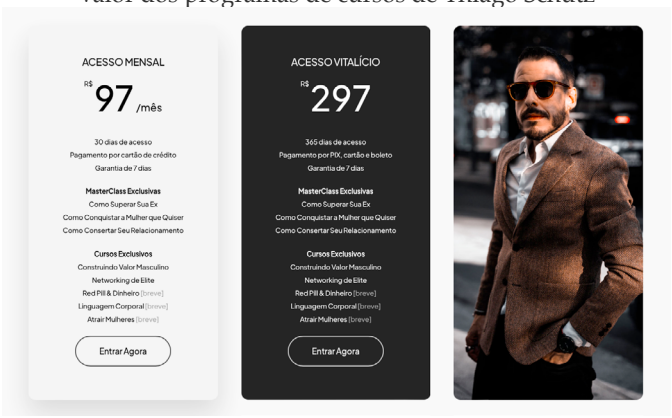
[9] O segundo mandato de Dilma Rousseff, ex-presidente da República Federativa do Brasil, termina abruptamente a 31 de agosto de 2016 após um polémico processo de *impeachment*. A acusação foi construída a partir da imputação do crime de responsabilidade, num processo contestado e apelidado de golpe, onde o ambiente era de ataques misóginos (e até homofóbicos) contra Dilma por parte dos setores ligados ao conservadorismo e fundamentalismo religioso evangélico. *O impeachment* reforçou as forças políticas de direita, resultando na nomeação de Michel Temer como presidente não eleito e, posteriormente, na eleição de Jair Bolsonaro em 2018, cujo discurso misógino e conservador é sobejamente conhecido.

rial deste setor foi, também ela, um fenómeno da cultura americana para potenciar lógicas de eficiência e produtividade – núcleo de subjectivização neoliberal – que evoluiu para a "cultura de aconselhamento", conceito de Zygmund Bauman, expandido pelas redes sociais com o surgimento de *coaches* e influenciadores digitais (cit. em Castellano & Miguel 2023, 120-122). O livro internacional que, de acordo com a presente pesquisa, mais influenciou os *redpillers* brasileiros foi *The Rational Male* de Rollo Tomassi.

Este fenómeno surgiu no cenário social e cultural brasileiro ao longo dos anos 1990 e 2000. O primeiro escritor de livros de autoajuda sobre relações no Brasil, dentro da linha masculinista, é Nessahan Alita, pseudónimo de autor desconhecido. Alita publicou, a partir de 2004, uma série de livros sobre como lidar com o sexo feminino. Neles aborda o "sofrimento amoroso do homem" causado pelas mulheres – essencializadas como "ser[es] desprovido[s] de história e cultura, que simplesmente passa[m] a existir com a função de atrapalhar o homem" (Castellano & Miguel 2023, 124). As mulheres são, nesta leitura misógina e monolítica, naturalmente perigosas, manipuladoras, demoníacas e de natureza irracional. A mulher, no geral, é um parasita emocional que manipula o homem no ensejo de obter vantagens pessoais, e as feministas, em particular, além de manipuladoras, são limitadas.

Outros influenciadores e pretensos *coaches* seguiram o mesmo caminho de Alita, como Bruno Giglio, Thiago Shutz ou Sedutor Afro. Estes homens oferecem cursos, mentorias (Fig. 1) e vídeos no *YouTube*, sendo que todos esses conteúdos são monetizados. No caso do *YouTube*, "os vídeos são monetizados pelo próprio serviço de partilhamento de acordo com a quantidade de visualizações (*views*) que recebem" (Maciel 2021, 23), bem como através de *SuperChats* e patrocinadores comerciais.

Figura 1
Valor dos programas de cursos de Thiago Schutz



Fonte: *Print screen* próprio. Imagem disponível em https://elitemasculina.com.br (último acesso a 12/09/2024).

O canal de *YouTube Redcast*, criado em 2021 por Júnior Masters e coapresentado por Miguel Moreira, tem 135 mil subscritores. O seu conteúdo é composto por temas como relacionamentos, vida financeira, *fitness*, política e fofocas sobre a vida das celebridades a partir das suas pautas masculinistas. A maioria das pessoas convidadas partilham pelo menos uma de suas pautas. É o caso de mulheres conservadoras como a católica Pietra Bertolazzi ou a evangélica antifeminista Ana Campagnolo, que, não obstante a crítica feita por masculinistas a mulheres conservadoras – "dissimuladas e conservadias" –, são convidadas por partilharem entre si o antifeminismo; de libertários conservadores como Paulo Kogos, que defendem as mesmas posições económicas; ou de setores políticos da direita radical brasileira, como Arthur do Vale (Movimento Brasil Livre) e Pablo Marçal, candidato à Prefeitura de São Paulo nas eleições de 2024, também empresário, *coach* de desempenho pessoal e financeiro, assumidamente conservador, antiesquerda e conhecido pelos seus discursos polémicos – muitas vezes fraudulentos e frequentemente misóginos.

Bruna Lima e Silva e Alexandra Chacham (2024) fazem uma análise empírica sobre blogues e grupos masculinistas do *Telegram* que se mostra fundamental ao sublinhar a existência de uma masculinidade hegemónica que se liga ao discurso da direita radical. Não obstante, embora exista o intuito de alcançar um determinado tipo de masculinidade, que influenciadores *Red Pill* pretendem hegemónica, e de reproduzi-la através da prática dos seus ensinamentos, muitos dos seguidores destes conteúdos também performam outros tipos de masculinidades, algumas delas marginalizadas ou subalternas. Os homens que vão aderindo à teoria são muito heterogéneos e é precisamente a incapacidade de performar totalmente a tal masculinidade hegemónica – de homem em boa forma física, economicamente bem-sucedido, racional, focado em si e que atrai as mulheres mais bonitas sem se deixar manipular por elas – que os leva ao consumo desses conteúdos. Ora, o conceito de masculinidade hegemónica (Connell & Messerschmidt 2005) aplicado de forma essencialista e acrítica a estes homens oculta mais do que explica o processo de produção das masculinidades e a sua natureza grandemente heterogénea. Isso é problemático quando olhamos para a variedade de manifestações dentro destes grupos compostos por masculinidade(s) híbrida(s), conceito de Debbie Ging (2017). São masculinidades cúmplices, com elementos tanto marginalizados/subalternos como hegemónicos, que constituem a *manosphere* (machosfera), cenário que no contexto brasileiro é patente devido à importância de marcadores como a classe e a raça (i.e., racialização de mais de metade da popu-lação do país). Sublinhe-se que os discursos misóginos destes homens são tanto intrínsecos aos guiões discursivos da *Red Pill* como também se apresentam como estratégias de engajamento, i.e., dizer coisas polémicas gera mais visualizações e, consequentemente, atrai mais subscritores, segundo o próprio Júnior Masters.[10]

[10] Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5yU7gFijnMw (último acesso a 12/09/2024).

Os *hosts* oferecem também cursos e mentorias, escrevem e editam livros. *Hackeando o mercado sexual: o mínimo que você precisa saber sobre RedPill* (2023), de Masters, é um livro que se situa na mesma linha dos livros de autoajuda, aconselhando outros homens sobre relacionamentos e aperfeiçoamento pessoal e apresentando "soluções práticas para problemas masculinos e femininos".[11] As interações entre mulheres e homens – aqui entendidos enquanto homens e mulheres cisgénero – são tidas como produto de uma natureza biológica pré-política e a-histórica, processo regido por regras extraídas da teoria económica aplicada ao mundo da sexualidade.

Os livros de Moreira também refletem essa redução da complexidade humana através de generalizações dentro de grupos-tipo mais ou menos arbitrários e divididos por género. O agora ex-apresentador do *Redcast* escreveu dois livros sobre "arquétipos." A descrição de *A Bíblia dos Arquétipos: o guia definitivo dos Arquétipos Masculinos*[12] no seu *website* mostra-nos como este "primeiro livro ilustrado sobre desenvolvimento pessoal masculino fundamentado dos conhecimentos da pílula vermelha!" é um manual que reproduz uma visão benevolente das sociedades tradicionais regidas pela natureza primitiva dos indivíduos e baseada numa hierarquia social que determina o objetivo, a função e o propósito do homem. Isto é, há uma crítica explícita a conceitos como a igualdade entre homens e mulheres e a equidade social, enquanto partes de uma conceção social e política da sociedade que aceita a possibilidade de mudança/progresso social. Daí a sua aproximação a projetos de direita radical que veem qualquer alteração à divisão e hierarquia de género como uma "ideologia" que pretende acabar com a diferença entre homens e mulheres e, por consequência, com a família tradicional e/ou dominação masculina. Uma direita com visões misóginas, homofóbicas, racistas e classistas, mas que, ao contrário da extrema-direita, (ainda) aceita o jogo da democracia liberal.[13]

4. A Lei Maria da Penha e os "Direitos dos Homens"

4.1. Metodologia

Com o objetivo de apresentar um exemplo empírico dos discursos (re)produzidos pelos diversos convidados que frequentam o *Redcast*, usei o MAXQDA

---

11 Informação retirada de https://pay.kiwify.com.br/F8byL4u (último acesso a 12/09/2024).

12 Não foi possível identificar o ano de publicação. Para mais informações, consultar https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/a-biblia-dos-arquetipos/L70325501U (último acesso a 12/09/2024).

13 No caso dos influenciadores *Red Pill* com maior visibilidade nas redes sociais, como aqueles que frequentam o *Redcast* no *YouTube*. Existem outros estudos que demonstram, a partir de casos empíricos, que plataformas mais reservadas como o *Telegram* abrigam masculinistas com discursos de extrema-direita (cf. Velho 2024).

para encontrar referências à Lei Maria da Penha. Assim, comecei por pesquisar a expressão "Maria da Penha" e a expressão "Falsa Denúncia" nas transcrições dos 442 vídeos disponíveis no canal *Redcast* até ao final de outubro de 2024. Ao todo, o *software* encontrou a expressão "Maria da Penha" 81 vezes, entre vídeos e comentários, e a expressão "Falsa Denúncia" 20. Do cruzamento de ambas as referências, retirando os comentários, foram apurados nove vídeos. Desses nove foram analisados apenas três vídeos representativos da discussão sobre a lei e a sua alegada relação com falsas denúncias de violência doméstica (Tabela 1). A seleção foi feita com base na presença de advogados – autorreferenciados como advogados de "direito do homem" –, já que a sua presença oferece uma legitimação adicional às afirmações feitas no âmbito desta questão.

Tabela 1
Resultados da análise de conteúdo no MAXQDA,
a partir dos dados recolhidos pela autora

Expressões	Resultados	Em comum	Final
Maria da Penha	81	9	3
Falsa Denúncia	20		

Após a primeira fase de recolha quantitativa, na linha da análise de conteúdo, os excertos com referências foram alvo de uma análise de discurso feminista pós-estruturalista. Optou-se por esta teoria metodológica pois coloca ênfase na construção de um determinado regime de verdade por discursos que se (re)produzem em determinado contexto social. Neste sentido, e na senda de Michel Foucault, a vontade de verdade é também uma vontade de poder, no caso, de reforço do poder patriarcal defendido pelos masculinistas. Os discursos são práticas sociais inseridas num determinado contexto histórico-espacial caraterizado pela sua complexidade, pluralidade, ambiguidade, diversidade, funcionalidade e transformação. O valor da perspetiva feminista é sublinhar como a diferenciação de género é um discurso dominante no espaço digital, a partir de um discurso que reforça o sistema de poder sistemático de estereotipagem e discriminação entre seres humanos baseado na sua identidade de género (cf. Baxter 2008).

4.2. Análise e discussão dos dados

Relativamente à análise dos dados, a maioria dos vídeos – seis em nove – aborda como tema principal o caso mediático de Ana Hickmann, modelo e apresentadora da *Record*, e do seu ex-marido Alexandre Côrrea. A participação de Côrrea nos seis episódios do *videocast* é enquadrada numa narrativa segundo a qual a denúncia de agressão feita por Hickmann é falsa, sendo ele, consequentemente, apresentado como a verdadeira vítima de violência patrimonial e moral e de alienação

parental. Em dois dos seis vídeos em que Côrrea participa, as convidadas são advogadas que trabalham em casos da Lei Maria da Penha, os quais alegam serem, na sua maioria, casos de acusações falsas contra homens. Estes dois vídeos[14] foram considerados importantes do ponto de vista argumentativo pela legitimidade jurídica e pela experiência profissional das advogadas em casos de violência doméstica.

> **Advogada I:** Eu sou advogada desde 2009. Criminalista, adoro a parte criminal. Só que com o passar do tempo *eu comecei a observar essa quantidade cada vez mais crescente de homens que eram vítimas de falsa acusação*, que isso parece uma coisa rara. Você conversa com alguém na rua, a pessoa fala: será que acontece? Por que quais são os números que são divulgados? São os números de violência, só que esse número aí entra toda essa quantidade de denúncia falsa, então, na prática, *conhecendo então a minha vontade de trabalhar nessa área, ela tem nome, foram os meus primeiros clientes*. E eu comecei a gostar, eu comecei a sentir aquela emoção de falar: pera aí, a*gora eu realmente [es]tou fazendo a defesa de um inocente de um injustiçado* e isso é muito bom, uma satisfação pessoal.[15]

Relativamente ao último vídeo, o convidado é um jovem com Síndrome de Asperger que afirma ter sido vítima de um golpe que culminou na denúncia alegadamente falsa da sua ex-companheira contra si. O jovem aparece acompanhado pelo seu advogado.[16] No geral, estes três vídeos caracterizam-se pelo tom confessional dos relatos, apelando ao lado emocional e afetivo do público. As narrativas dos convidados, que se afirmam vítimas de falsas acusações, apresentam-se como histórias de injustiça fundamentadas em perceções e experiências pessoais. Ora, são estes casos anedóticos que validam o caráter alegadamente verdadeiro da existência de "vários casos" de denúncias falsas sob a Lei Maria da Penha. O relato na primeira pessoa confere credibilidade afetiva ao conteúdo proferido pelos homens-vítimas. Aliás, faz parte das estratégias de grupos antifeministas a apropriação de estéticas e práticas feministas como o uso e a partilha do testemunho, e.g., #MeToo (cf. Banet-Weiser & Kay 2025).

As outras estratégias discursivas utilizadas para deslegitimar e descredibilizar as denúncias feitas por mulheres são compatíveis com a linha discursiva da teoria *Red Pill* ao representarem de forma misógina e essencialista as mulheres como seres mentirosos, interesseiros, vingativos, golpistas e com a capacidade de destruírem um homem apenas com a força das suas palavras. Segundo a narrativa, as mulheres utilizam a lei como uma arma de vingança, extorsão, controlo patrimonial e alienação parental:

---

14 Vídeos disponíveis em https://www.youtube.com/watch?v=GGVzD87qgw0 e em https://www.youtube.com/watch?v=NQ84xBqYXaM (último acesso a 9/12/2024).

15 Ênfase da autora. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NQ84xBqYXaM (último acesso a 7/1/2025).

16 Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=hJ_svuZoNEc (último acesso a 7/1/2025).

> ***Host:*** E a mulher falava que ela só pegava assalariado porque ela pegava cara de baixa autoestima...
> **Advogado:** Hum!
> ***Host:*** ... que era mais fácil de dar o golpe. Então, o cara [es]tá com a autoestima lá em baixo, velho, *uma golpista.*
> **Convidado:** Não, o meu match foi o perfeito. Junta *uma narcisista, borderline, psicopata*, sei lá, com um cara autista. É *uma mentirosa patológica* com um cara que tem uma tendência a ser feito... a acreditar em mentira patológica. É o encontro perfeito![17]

Os discursos aqui analisadas são os mesmos dos já veteranos ativistas dos direitos dos homens. Defendem o combate à violência física, psicológica e patrimonial praticada contra os homens, que é, segundo eles, desvalorizada pela sociedade e, por conseguinte, não é acompanhada de redes de apoio, legislação e instituições que garantam a sua proteção; assim como o combate à alienação parental por parte das mães e o apoio à saúde mental dos homens. Constroem uma subjectivização autovitimizante, sendo que a sua condição de vítima resulta de uma suposta violência perpetrada contra si que se materializa em problemas psicológicos, e.g., vícios, depressão e até suicídio.

> **Alexandre Côrrea (AC):** [...] para se tentar um *suicídio* é muito pouco que falta, para você desistir da vida é muito pouco que falta, para você cair no *alcoolismo* é muito pouco que falta, para você *fazer uma bobagem se enroscar inteiro e parar na prisão* é muito pouco que falta. Então, enquanto o outro lado tem a espada na mão você fica apenas o tempo todo tomando espetada dessa espada. É uma coisa nojenta.[18]

A presença de homens acusados de algum tipo de violência doméstica é frequente, e todos eles alegam ter sido falsamente acusados. A partir destes exemplos anedóticos e respaldando-se em dados não consultáveis, oficialmente inexistentes e recolhidos a partir de critérios problemáticos, as advogadas defendem que a maioria das denúncias de violência doméstica é, na verdade, falsa. Não obstante a sua natureza duvidosa, este tipo de estimativas, feitas por juízes e psicólogos forenses, são comummente difundidas na Internet.[19] [20]

---

17 Ênfase da autora. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=hJ_svuZoNEc (último acesso a 7/1/2025).

18 Vídeo disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5yU7gFijnMw (último acesso a 12/09/2024).

19 Disponível em https://www.conjur.com.br/2022-jun-03/fernanda-tripode-exito-depp-ensina-aos-homens/#:~:text=Várias%20são%20as%20denúncias%20falsas,80%25%20das%20denúncias%20são%20falsas (último acesso em 13/11/2024).

20 A diretora do Departamento Geral de Atendimento à Mulher da Secretaria de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro afirma que, das 16 mil queixas apresentadas por violência doméstica, apenas 38 são falsas (0,3%). Dados apresentados em audiência pública da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), 22 de agosto de 2023.

> **AC:** *Doutora com base que 80% das denúncias de agressão são falsas*... Isso, né? Tem aquele famoso vídeo da juíza que faz essa afirmação, a doutora, inclusive, Fernanda...
> **[...]**
> **Advogada II**: [...] ... tu falou [*sic*] em 80%. Quando eu fiz a entrevista com o Conselheiro do CNJ em 2000... esqueci se foi em 2019, 2020... os dados e os cálculos que eu fiz com outro professor, estava chegando a 96 tantos por cento... [Es]tá. *E baseado na palavra do Conselheiro do CNJ seria falsa acusação o inquérito policial arquivado ou o homem conseguindo a sua absolvição*, então dos 100% dos casos que foram registrados em 2019, 2020... 2020! se não falte a memória, 2020, *96% deles foi arquivado ou o homem foi absolvido.* Então, por isso, que eu [es]tou te perguntando que ano foi esses dados porque pode ter sido antigo e aí ter até aumentado [para] maior do que 80%.[21]

Os discursos de influenciadores da *Red Pill* no *YouTube* brasileiro desafiam o discurso feminista, já consolidado como discurso de verdade, sobre os dados de violência doméstica no Brasil, ignorando a inexistência de dados oficiais, a subnotificação de casos e a dificuldade que as mulheres enfrentam no processo judicial durante e após a denúncia.[22] Trata-se de uma disputa de regimes de verdade. Todas as estratégias discursivas aplicadas concorrem para levar a cabo uma tentativa, que se tem mostrado relativamente bem-sucedida, de descredibilizar e silenciar o testemunho das mulheres, bem como, em última análise, substituir o discurso feminista. As alegações de denúncias falsas e a defesa do aumento de pena em processos por falso testemunho têm o mesmo objetivo dos processos de difamação que se seguiram aos testemunhos de mulheres no âmbito do #MeToo (cf. Gray 2024).

Dito isto, a necessidade de problematizar estes discursos advém da gravidade do contexto brasileiro, onde "[n]o ano de 2023, 1.463 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, taxa de 1,4 mulheres mortas para cada grupo de 100 mil, crescimento de 1,6% comparado ao mesmo período do ano anterior" (Bueno *et al*. 2024, 3).

Considerações finais

Procurou-se, neste breve artigo, explorar as origens e características dos discursos masculinistas presentes na comunidade *Red Pill*. Sob o mote "compreender para educar," traçou-se uma linha comum entre o surgimento destes grupos

---

Disponível em https://www.brasildefato.com.br/2023/08/24/primeiro-semestre-de-2023-registra-16-mil-casos-de-violencia-contra-mulheres-no-rio-de-janeiro (último acesso em 7/1/2025).

21 Itálico nosso. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GGVzD87qgw0 (último acesso a 7/1/2025).

22 Informação disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151209_obstaculos_violencia_mulher_rm (último acesso em 10/1/2025).

e contextos de crescimento de movimentos político-sociais conservadores. Foi esse mesmo contexto que permitiu o crescimento do conteúdo e da visibilidade de comunidades *Red Pill* no Brasil.

A análise dos discursos presentes no canal *Redcast* e noutros conteúdos dos apresentadores revelou como esses discursos misóginos se alicerçam numa subjetivação neoliberal, que junta desenvolvimento pessoal, estratégias de monetização e conselhos financeiros com elementos de vitimização masculina, representações misóginas e alinhamento com narrativas conservadoras da direita radical brasileira.

A teoria *Red Pill*, importada de contextos anglo-saxónicos e adaptada ao cenário cultural e político brasileiro, reproduz estruturas discursivas antifeministas, frequentemente disfarçadas sob o argumento de defesa dos "direitos dos homens". Essas narrativas, reforçadas pela utilização de estratégias retóricas como o apelo à experiência pessoal e ao tom confessional, assim como o apelo à autoridade de especialistas – cujos discursos são frequentemente fundamentados em dados não verificáveis e anedóticos – têm contribuído para a deslegitimação da palavra da mulher e das conquistas feministas, bem como para a perpetuação de estereótipos de género que justificam a dominação masculina. O estabelecimento deste novo regime de verdade, não apenas reforça preconceitos contra mulheres, mas também desinforma o público, criando uma base de apoio para discursos antifeministas e negacionistas da violência de género.

É também importante ressalvar que, embora a análise contribua para o estabelecimento de relações entre os discursos *Red Pill,* difundidos na machosfera, e a construção de uma subjetividade neoliberal, amparada por crenças conservadoras relativamente aos papéis sociais de género, à dominação masculina e à LGBTQIA+fobia, o objetivo deste breve artigo é incentivar o aprofundamento do estudo das conexões (causais?) entre o discurso das alegadas falsas denúncias da Lei Maria da Penha e a produção jurídica conservadora no Brasil.

Até que ponto o discurso masculinista influencia profissionais que lidam com políticas públicas e processos criminais? A pesquisa implicaria a realização de uma etnografia junto da comunidade jurídica, assim como seria de suma importância estudar a receção deste discurso por parte de jovens homens. Estudos quantitativos e qualitativos abrangentes sobre a adesão de jovens até aos 30 anos aos discursos aqui analisados permitiriam perceber a extensão do problema e pensar em planos estatais (ou mesmo nacionais) de educação para relações de igualdade, cuidado e respeito.

Agradecimentos

Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n.º 2024/01549-0, através do projeto "Construindo a demo-

cracia no dia-a-dia: direitos humanos, violência e confiança institucional" (CEPID-FAPESP) do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo.

Conflito de interesses

A autora declara não existirem conflitos de interesse.

Referências bibliográficas

Banet-Weiser, Sarah, & Jilly Boyce Kay. 2025. "Through the Looking Glass: Feminism and Reactionary Politics in the Digital Hall of Mirrors." *European Journal of Cultural Studies* 0(0): 1-9. DOI: https://doi.org/10.1177/13675494241310721

Baxter, Judith. 2008. "Feminist Post-structuralist Discourse Analysis: A New Theoretical and Methodological Approach?" Em *Gender and Language Research Methodologies*, editado por Kate Harrington, *et al*., 243-255. London: Palgrave Macmillan.

Biroli, Flávia. 2020. "Gênero, 'valores familiares' e democracia." Em *Gênero, neoconservadorismo e democracia*, escrito por Flávia Biroli, Maria das Dores Campos Machado, & Juan Marco Vaggione, 135-188. São Paulo: Boitempo.

Brownmiller, Susan. 1993. *Against Our Will: Men, Women and Rape* [1975]. New York: Fawcett Books.

Bueno, Samira, *et al*. 2024. *Feminicídios em 2023*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Castellano, Mayka, & Vinícius Machado Miguel. 2023. "'O sofrimento amoroso do homem': misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda." *RuMoRes* 17(34): 116-135. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2023.214389

Connell, R. W., & James W. Messerschmidt. 2005. "Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept." *Gender & Society* 19(6): 829-859. DOI: https://doi.org/10.1177/0891243205278639

Cooper, Melinda. 2021. "The Alt-Right: Neoliberalism, Libertarianism and the Fascist Temptation." *Theory, Culture & Society* 38(6): 29-50. DOI: https://doi.org/10.1177/0263276421999446

Coston, Bethany M., & Michael Kimmel. 2013. "White Men as the New Victims: Reverse Discrimination Cases and the Men's Rights Movement." *Nevada Law Journal* 13(2): 368-385. Disponível em https://scholars.law.unlv.edu/nlj/vol13/iss2/5

Dworkin, Andrea. 2025. *Woman Hating* [1974]. London: Penguin Classics.

Fisher, Max. 2023. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Traduzido por Érico Assis. São Paulo, SP: Todavia Editora.

Fraser, Nancy. 2024. *Destinos do feminismo*: *do capitalismo administrado pelo Estado à crise neoliberal*. Traduzido por Diogo Fagundes. São Paulo, SP: Boitempo.

Gallego, Esther Solano (Org.). 2018. *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo.

Ging, Debbie. 2017. "Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere." *Men and Masculinities* 22(4): 638-657. DOI: https://doi.org/10.1177/1097184X17706401

Gomes, Simone da Silva Ribeiro, & Roberta Alano. 2020. "'A mentira feminista do patriarcado': repertórios de confronto antifeministas no Brasil." *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos* 9(17): 63-81.

Gray, Mandi. 2024. *Suing for Silence: Sexual Violence and Defamation Law.* Vancouver: UBC Press.
Horwitz, Robert B. 2018. "Politics as Victimhood, Victimhood as Politics." *Journal of Policy History* 30(3): 552-574. DOI: https://doi.org/10.1017/S0898030618000209
Lima e Silva, Bruna C. S., & Alessandra Sampaio Chacham. 2024. "De 'merdalheres' a 'conservadias': o discurso de ódio masculinista." *Plural: Revista de Ciências Sociais* 31(1): 252-275. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2024.223289
MacKinnon, Catharine A. 1979. *Sexual Harassment of Working Women: A Case of Sex Discrimination*. New Haven: Yale University Press.
MacKinnon, Catharine A. 1994. *Only Words* [1993]. Cambridge, MA: Harvard University Press.
Maciel, Maria Fernanda. 2021. "A figura viril do homem com H no YouTube brasileiro." *Revista Ensaios* 19: 22-38. DOI: https://doi.org/10.22409/ensaios.v19.47581
Nagle, Angela. 2017. *Kill All Normies: The Online Culture Wars from Tumblr and 4chan to the Alt-Right and Trump*. Winchester, UK: Zero Books.
Velho, Eduardo Gabriel. 2024. "Núcleos de informações prejudiciais: relações entre machosfera e extrema-direita nas redes brasileiras de Telegram." Tese de Doutoramento em Processos e Manifestações Culturais. Novo Hamburgo: Universidade Feevale. Disponível em https://pergamum.feevale.br/acervo/287628
Vilaça, Gracila, & Carlos D'Andréa. 2021. "Da *manosphere* à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas." *Revista ECO-Pós* 24(2): 410-440. DOI: https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703
Wittig, Monique. 2022. *O pensamento hétero e outros ensaios* [*Straight Mind*, 1992]. Traduzido por Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Verónica Ferreira. Doutorada em Discursos: História, Cultura e Sociedade pela Universidade de Coimbra, no âmbito do projeto ERC 715593, "CROME: Memórias Cruzadas, Políticas do Silêncio". É licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais, com mestrado em Relações Internacionais pela Universidade NOVA de Lisboa. Possui uma pós-graduação em Estudos Estratégicos e de Segurança pelo IDN/NOVA e, atualmente, é investigadora em pós-doutoramento no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo.

Artigo recebido a 21 de janeiro e aceite para publicação a 14 de março de 2025.

Como citar este artigo:

[Segundo a norma Chicago]:
Ferreira, Verónica. 2025. "Machismos virtuais: discursos masculinistas em canais *Red Pill* brasileiros de *YouTube*." *ex æquo* 51: 12-29. DOI: https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.51.02
[Segundo a norma APA adaptada]:
Ferreira, Verónica (2025). Machismos virtuais: discursos masculinistas em canais *Red Pill* brasileiros de *YouTube*. *ex æquo*, 51, 12-29. DOI: https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.51.02

Este é um artigo de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: apem1991@gmail.com